

A igreja-edifício, “sinal e símbolo das realidades celestes”: convite à formação integral do ser humano

Raquel Tonini Rosenberg Schneider¹

Resumo: A relação nupcial entre o Cordeiro e seu povo é manifestada pela igreja de pedra, sinal e símbolo do que anuncia pela arquitetura-arte através de linguagem simbólica, com suas formas e cores reveladas através da luz. A mistagogia do edifício eclesial, assim, apresenta um alegre convite à assembleia litúrgica: um encontro com o Crucificado-Ressuscitado. Sua estrutura evidencia, pela organização e distribuição dos dois espaços fundamentais da igreja-edifício, o modelo cósmico apresentado (cf. Hb 8,1-7) e que se desenvolveu nos primórdios do cristianismo pela Tradição. Os princípios e critérios, portanto, que norteiam o desenvolvimento da intervenção no espaço de culto cristão são sempre possibilidade concreta de adequação litúrgica e ação pastoral, um processo experiencial-formativo. Do Concílio Vaticano II aos dias atuais, sobretudo com os Estudos CNBB 106 e 113 e a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, urge a necessidade de formação. Como? Um grande desafio. O espaço marca a experiência de uma pessoa e, por conseguinte, o espaço de culto é capaz de transformar a experiência de fé. Conclui-se, assim, com uma proposta de formação, em vista de que aquele encontro seja deveras transformador e que este espaço cumpra sua função para uma efetiva participação ativa, consciente e frutuosa da assembleia celebrante.

Palavras-chave: Igreja-edifício. Linguagem Simbólica. Mistagogia. Adequação Litúrgica. Projeto Arquitetônico Litúrgico-Iconográfico.

INTRODUÇÃO

A igreja-edifício é símbolo do anúncio alegre e festivo da Igreja e, portanto, imagem da Igreja-Corpo de Cristo que se encontra com seu Senhor. Este encontro se dá de modo singular na Liturgia. A natureza e dignidade da Igreja manifestam, assim, a relação nupcial entre o Cordeiro e seu povo e norteiam os princípios e critérios próprios requeridos para as intervenções em seus espaços, tendo em vista que a arquitetura-arte do edifício eclesial tem a função de realizar *per se* esta sua identidade, função e missão. O critério basilar é a liturgia celebrada pela Igreja, que molda a igreja-edifício, o que requer uma linguagem específica e, portanto, simbólica. Deste modo, as construções de novas igrejas ou modificações em espaços existentes, devem estar em conformidade aos princípios oriundos da Sagrada Escritura, Liturgia e Tradição, a fim de que estes sejam devidamente organizados.

O espaço, de maneira geral, contribui no modo como um determinado grupo realiza suas atividades. Na igreja-edifício, esta relação é singular, pela sua própria identidade. Trata-se de um espaço que, à serviço da liturgia, forma a comunidade que nele se reúne e celebra sua

¹ Arquiteta Especialista em Espaço Celebrativo-Litúrgico e Arte Sacra (ITESC-FAJE), aluna do Pontifício Instituto Litúrgico de Roma, no Master *Arte per il Culto* e mestranda em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Instituição de origem: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Instituição financiadora da pesquisa desenvolvida: a aluna recebe apoio financeiro da CAPES. E-mail: raqueltoninischneider@gmail.com.

fé. Seu caráter educativo exige o atendimento aos princípios que lhe são próprios e o desenvolvimento de meios para que este processo de formação aconteça. A consciência de se tratar de um edifício que é símbolo das realidades que anuncia, cuja organização e distribuição dos seus espaços encontram sentido na mistagogia que o define, postula um processo formativo simbólico-litúrgico.

A proposta desenvolvida envolve, portanto, um caminho de formação, em vista das intervenções, mas que não pode jamais estar limitado a elas, ao contrário, pois a Igreja, como Mãe é, por si mesma, anunciadora e formadora, em vista de que seus filhos e filhas sejam conduzidos ao encontro com Deus e com seus irmãos e irmãs, na casa comum da sua vida terrena e a caminho daquela definitiva na eternidade. A formação litúrgica se apresenta, assim, necessária e urgente, de responsabilidade de todos e para todos. Seu conteúdo, especificamente aqui, envolve matérias relacionadas à simbologia e à mistagogia da igreja-edifício, podendo contemplar ainda argumentos de arquitetura e arte cristã, em vista do crescimento integral do homem-mulher.

1 A IGREJA-EDIFÍCIO: SUA NATUREZA E DIGNIDADE REQUEREM CRITÉRIOS ESPECÍFICOS PARA AS INTERVENÇÕES NO SEU ESPAÇO

A igreja-edifício, pela sua própria natureza, é simbólica, é um microcosmo, é mistagógica. Sua identidade, claramente expressa desde os primórdios da Igreja até os dias atuais, está fundada na Sagrada Escritura, Liturgia e Tradição da Igreja, atualizada pelo Magistério. “Sinal e símbolo das realidades celestes” (RDI, II, n. 3), este edifício de pedra é, ainda, imagem da assembleia reunida. Assim, “faz vislumbrar o mistério da Igreja, que Cristo santificou com seu sangue, para apresentá-la a si mesmo qual - Esposa gloriosa, Virgem deslumbrante pela integridade da fé, - Mãe fecunda pela virtude do espírito” (RDI, II, n. 62). Manifesta, portanto, a relação nupcial entre o Cordeiro e seu Povo e, por conseguinte, este caráter celebrativo traz em si mesmo a dinâmica da festa, do banquete, da alegria. Implantada no *presente já* da história - esta imagem da Igreja viva: Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo (LG, n. 9-17) -, constitui-se como o espaço privilegiado no qual a assembleia celebrante faz memória ritual dos eventos salvífico e caminha na direção do *ainda não* do seu futuro escatológico - imagem da Jerusalém Celeste (Ap 21, 1-3). À vista disto, este edifício, a partir da sua volumetria, exprime um alegre convite ao homem-mulher para adentrar neste espaço e fazer a experiência do encontro da Igreja viva - o Corpo de Cristo - com sua Cabeça, o Crucificado-Ressuscitado. A igreja de pedra, deste modo, “é um ícone, uma imagem viva. Moldada pela liturgia, é, por si mesma, mistagógica” (CNBB, 2013, Apresentação), dado que,

A liturgia não nos deixa sozinhos na busca de um suposto conhecimento individual do mistério de Deus. Pelo contrário, leva-nos pela mão, juntos, como uma assembleia, para nos levar ao fundo do mistério que a palavra e os sinais sacramentais nos revelam. E faz isso, coerente com toda ação de Deus, seguindo o caminho da encarnação, ou seja, por meio da linguagem simbólica do corpo, que se estende às coisas no espaço e no tempo (DD, n. 19).

As premissas supracitadas estabelecem uma rápida fundamentação a respeito da natureza e dignidade da igreja-edifício, evidenciando que esta construção não pode se revelar senão mediante uma linguagem própria, capaz de expressar sua identidade, isto é, a linguagem simbólica, pela sua própria natureza enquanto sinal e símbolo do que anuncia. A mistagogia que traz em si mesma, deste modo, introduz e conduz o observador-fiel, como assembleia litúrgica, àquele feliz encontro que se realiza entre a Cabeça da Igreja e seu Corpo, na Liturgia celebrada – lugar onde o céu desce à terra e a terra toca o céu, em um duplo movimento vertical de descida e ascensão. Por conseguinte, este único espaço - a igreja-edifício -, está estruturado em dois espaços fundamentais, conforme o modelo apresentado para a construção da Tenda (Hb 8,1-7) e desenvolvido pela Tradição, sobretudo nos primeiros séculos do cristianismo, imagem da “Cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, junto de Deus, *com a glória de Deus*” (Ap 21,10-11).

Os princípios e critérios, portanto, para as novas construções, bem como as adequações litúrgicas daqueles existentes, não podem ser apenas os técnicos. Destes, entretanto, não se pode prescindir. Neles estão implicadas várias questões de extrema necessidade, como a elaboração de um criterioso programa de necessidades, as condições do terreno, a legislação vigente, a diversidade cultural e, assim, a realidade socioeconômica da comunidade e, por conseguinte, o partido construtivo a ser adotado, as técnicas construtivas e a especificação de materiais, entre outros. Considerando a amplitude das exigências, é inequívoco que não se tratam de critérios subjetivos, baseados em gostos ou ideias individuais ou na mera praticidade.

O critério, por excelência, é a Liturgia que a assembleia celebrante realiza e, por isto, é simbólico e se desenvolve a partir da mistagogia da igreja-edifício. A CNBB ensina com maestria este princípio à Igreja do Brasil quando, em atenção à necessária animação da sua vida litúrgica, escreve que “A igreja-edifício deve ser funcional e significativa, favorecendo, através de configuração e distribuição dos dois espaços fundamentais, tanto a execução da ação litúrgica quanto a participação ativa dos fiéis (CNBB, 1989, n. 142). Critério este, fundado na liturgia cósmica e em conformidade com a própria estrutura do Rito Eucarístico. Nele, estão presentes e são definidores deste espaço, o espaço da Palavra - lugar do ambão, no qual a palavra é proclamada em atenta escuta por parte da assembleia, em vista da resposta de adesão ao projeto proposto -, e o espaço da Eucaristia - lugar do altar, onde a assembleia litúrgica se reúne ao seu redor e é nutrida com o Corpo e Sangue do Senhor, em vista da sua santificação e do seu apostolado como discípula-missionária. Um movimento horizontal, próprio da assembleia que caminha na escuta e um vertical, da assembleia que, unida àquela do céu, proclama a uma só voz que o Senhor é Deus do Universo, Santo, Santo, Santo.

Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística, portanto, dois tempos de uma única liturgia, que se realiza na terra, unida à liturgia celeste. Dois espaços de um único espaço, onde ambão e altar não estão juntos, porque cada um destes monumentos pertence ao seu espaço próprio. O ambão, ao espaço próprio do caminho da vida e o altar, àquele próprio do céu. Assim, moldado pela Liturgia e organizado por ela, “a disposição geral do edifício deve manifestar de algum

modo a imagem do povo reunido e permitir uma ordem inteligente, bem como a possibilidade de se exercerem com decoro os diversos ministérios”. (RDI, II, n. 3). O Papa Bento XVI, ao ensinar sobre os Pais da Igreja, dedica uma audiência sobre Germano de Constantinopla (séc. VIII). Este santo em sua pequena obra, caracteriza a Igreja ao escrever que,

A Igreja é templo de Deus, espaço sagrado, casa de oração, convocação de povo, corpo de Cristo... É o céu na terra, onde Deus transcendente habita como em sua casa e nela passeia, mas é também marca realizada (*antitypos*) da crucificação, do túmulo e da ressurreição... A Igreja é a casa de Deus na qual se celebra o sacrifício místico vivificante, e ao mesmo tempo parte mais íntima do santuário e gruta santa [...] (BENTO XVI, 2009).

2 O ASPECTO FORMATIVO DO ESPAÇO LITÚRGICO SE MANIFESTA NA ARQUITETURA-ARTE: UMA RESPONSABILIDADE PASTORAL

A afirmação de Boyer quando escreve que “A maneira como construímos as nossas igrejas constituirá a manifestação, por excelência, da qualidade da nossa vida eclesial, da nossa vida de comunhão no corpo de Cristo” (BOYER, 1998, p. 12), revela a responsabilidade pastoral desta ação, seja em relação à construção de espaços novos, seja em qualquer tipo de intervenção naqueles existentes, sobre guarda e proteção dos órgãos civis ou não. Se, de modo geral, não há dúvida a respeito da influência que o espaço exerce sobre o desenvolvimento da vida, particularmente no que tange às igrejas, a consciência de fé de uma comunidade é profundamente marcada pelo seu espaço eclesial e, ainda mais, de forma imperceptível. Assim sendo, este espaço pode contribuir como instrumento tanto para educar quanto para, de certa forma, deseducar aqueles que nele realizam suas atividades e, de modo singular, a ação litúrgica. Pode conduzir, então, a uma experiência vivificadora ou ser motivo de dispersão, contribuindo, portanto, com a concentração, o silêncio e a participação da assembleia ou sendo responsável pela sua distração.

O caráter formativo do edifício eclesial demanda, por conseguinte, a observância daqueles princípios e critérios que tanto manifestam a natureza e dignidade desta construção quanto, por esta mesma razão, regem o desenvolvimento dos projetos arquitetônicos-artísticos, independente do grau e da etapa da intervenção. Esse aspecto se manifesta, portanto, na arquitetura-arte das igrejas e evidencia ainda, que não se aplicam modismos ou maquiagens com elementos decorativos ao espaço litúrgico, ao contrário, trata-se daquela tradição expressa pela via simbólica, segundo a mistagogia do espaço eclesial e inserida na cultura. Neste momento, algumas considerações se fazem necessárias. Antes de tudo, a fidelidade aos princípios basilares de identidade do edifício eclesial, pois moldado pela liturgia, é mistagógico e se estrutura em dois espaços fundamentais, a partir da linguagem simbólica. Além disto, é imprescindível que seja construído um processo dialogal entre todas as partes envolvidas, desde a equipe técnica, sob a coordenação do arquiteto autor do projeto, à equipe administrativa, com o pároco e conselhos paroquiais, envolvendo equipe de obra e orçamento e toda a

comunidade, em vista da intervenção e do processo formativo a que esta impele. A igreja-edifício, cumpre deste modo, sua identidade-função de ser adequada às celebrações litúrgicas, visando mais à nobre beleza do que ao brilho e ao luxo (SC, n. 124), proporcionando ainda, outros espaços que atendam às necessidades específicas e de legislação.

A fim de que a igreja-edifício manifeste sua natureza e identidade e, deste modo, seu aspecto formativo faz-se necessário que qualquer intervenção aconteça tão somente a partir da elaboração do projeto arquitetônico-iconográfico, desenvolvido por profissional devidamente habilitado para tal. Este projeto deve ser submetido tanto à comissão de arte sacra da diocese, em vista da sua aprovação diocesana, quanto aos órgãos competentes, em vista da aprovação civil. Não há dúvida de que todo este processo só é possível a partir da compreensão de que se trata de um processo de caráter multidisciplinar, implicando ainda um modo próprio de participação de cada instância envolvida, na clara exigência da participação de todos. Tem início - quando se trata de uma nova construção -, na escolha do terreno, e finaliza - no que tange à obra e em uma situação ideal -, no momento em que a comunidade celebra a dedicação da igreja. Vale ressaltar aqui, a importância de se dedicar tempo ao estudo e preparação deste rito, a fim de que toda a assembleia participe deste momento.

É fundamental ainda, independentemente do tipo de intervenção - desde que aqueles princípios e critérios tenham sido cumpridos -, um planejamento criterioso de manutenção e conservação da edificação, como garantia de que as intervenções futuras sejam menores e de custo muito mais reduzido. Fato indiscutível é que o compromisso com o processo formativo simbólico-litúrgico não se encerra com a obra e que envolve todas as dimensões da vida eclesial. Ele deve acontecer desde a fase preliminar dos projetos, pode ser realizado durante todo o período de execução da obra e, ainda em processo permanente, depois da conclusão da intervenção, envolvendo toda a assembleia - das diversas faixas etárias, equipes, ministérios e de todo o povo de Deus -, contribuindo assim na experiência e na compreensão, por parte da assembleia, do caráter mistagógico do edifício eclesial.

O processo formativo simbólico-litúrgico, desenvolvido a partir da arquitetura-arte da igreja é, de fato, uma ação pastoral, que envolve todas as dimensões da vida eclesial, capaz ainda de conduzir a assembleia dos fiéis, a partir da linguagem simbólica e da catequese mistagógica, à educação para a beleza. O belo, para além de opiniões pessoais, é um caminho para o encontro com o Belo, Sumo Bem e Suma Verdade, Jesus Cristo. O papa sublinha, ainda, neste sentido, a importância “que toda a catequese preste uma especial atenção à “via da beleza (*via pulchritudinis*)” (EG, n. 167), pois, continua ele, “anunciar Cristo significa mostrar que crer n’Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provas” (EG, n. 167). A partir dos critérios objetivos do belo, torna-se fundamental “recuperar a estima da beleza para poder chegar ao coração do homem e fazer resplandecer nele a verdade e a bondade do Ressuscitado” (EG, n. 167).

3 UMA PROPOSTA EM DESENVOLVIMENTO

A “séria e vital formação litúrgica” (DD, n. 14) à qual o Papa Francisco se refere como necessária, visa à formação integral do ser humano que “deve voltar a ser capaz de símbolos” (DD, n. 44). Esta é, por si mesma, mistagógica e requer a perenidade do processo catequético, tendo em vista que “a Vida Cristã é um novo projeto de vida. Para nós, ‘o projeto’” (CNBB, 2017, n. 5). Um projeto cuja realização dura toda a vida. Neste sentido, a recuperação do RICA, no Brasil, tem sido de fundamental importância. E, por conseguinte, o cuidado com a qualidade dos espaços de catequese - que, para além de salas pequenas e mal organizadas, tornam-se fundamentais no desenvolvimento do processo catequético mistagógico -, também tem crescido significativamente. É um processo de educação plena.

O desejo de crescer é intrínseco ao ser humano e crescer exige deixar-se educar, iniciar um percurso com a ajuda de mestres. Educar, como disse Papa Francisco, “é uma realidade dinâmica, é um movimento que ilumina as pessoas. Trata-se de um tipo peculiar de movimento, com características que o tornam um dinamismo de crescimento, orientado para o pleno desenvolvimento da pessoa na sua dimensão individual e social” (FRANCISCO, 2022). Sob esta perspectiva, pode-se afirmar ainda que a formação litúrgico-simbólica é necessária em todas as etapas da vida e níveis formativos e está diretamente associada a alguns elementos fundamentais, como: a necessidade de estar inserida no projeto iniciático da vida cristã; ser conduzida de modo mistagógico e, portanto, celebrativo-catequético; utilizar sempre que possível o espaço litúrgico adequado à liturgia - lugar da mistagogia -, tendo espaços próprios organizados a fim atender a toda a dinâmica da vida da comunidade; trazer presente o desenvolvimento da arquitetura-arte cristã na história, refletindo sobre a eclesiologia presente em cada estilo ao longo da história, com o objetivo de formar e levar à compreensão de que simples cópias do passado não refletem a Igreja no tempo em que esta se encontra; por fim, educar o gosto. Assim, o processo formativo litúrgico catequético, além de outros conteúdos de suma importância, pode contemplar uma introdução à linguagem simbólica e à mistagogia da igreja-edifício.

Momentos formativos são intrínsecos à dinâmica da vida eclesial e, assim, configuram-se como ação pastoral. O período de estudo e preparação que antecede a Dedicção da Igreja é momento singular de formação litúrgica, o mesmo para as celebrações anuais de aniversário da dedicação do templo, podendo ser contemplado com conteúdo que diga respeito à natureza e dignidade da igreja-edifício, seus aspectos simbólicos e sua mistagogia. As Semanas de Liturgia, independente da época do ano, não podem prescindir de um tempo em sua programação para tratar do espaço litúrgico da comunidade. Além disto, pode-se desenvolver um projeto de visita guiada à igreja-edifício, que contemple aspectos arquitetônicos, litúrgicos e iconográficos do templo, que seja em forma de áudio guia, ou ainda que se prepare um pequeno material impresso sobre a igreja, entre tantas outras possibilidades, contribuindo para a formação de uma pastoral turística, onde for possível. É possível ainda, desenvolver ações educativas para toda a comunidade local, sobretudo no caso de patrimônio material

sob proteção, em favor do desenvolvimento do senso de pertença, da memória local e/ou nacional e do anúncio da Boa Nova, em vista de uma sociedade mais fraterna.

O processo formativo de todo o povo de Deus, dos profissionais, em particular arquitetos e artistas, e do clero, segundo pede o Concílio Vaticano II (SC, n. 127-129) em linhas gerais, e a CNBB, de modo mais específico, sobretudo no Estudo 113, com orientações para os projetos de adequação litúrgica (CNBB, 2021, n. 108-117), entre outros, envolve a criação de cursos específicos e em categorias diversas. Sugere-se ainda, a inclusão de disciplinas relacionadas à linguagem simbólica, à mistagogia do edifício igreja, história da arquitetura cristã na grade curricular dos cursos de Filosofia e Teologia e que estas matérias, no que tange a formação no período de seminário, tenha início no propedêutico. O desafio é grande, entretanto, é possível identificar um crescimento de iniciativas neste sentido, tomadas em alguns locais do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve fundamentação a respeito da natureza e dignidade da igreja-edifício, demonstra que os critérios e princípios para elaboração de projetos arquitetônicos-iconográficos têm sua fonte na Liturgia e por ela são regidos. A Liturgia que a Igreja celebra, tendo seu centro e ápice na liturgia eucarística (SC, n. 10), modela a construção de pedra, imagem da assembleia celebrante, a Igreja viva. Desta forma, a linguagem particularmente adequada não pode ser outra senão a simbólica. Considerando, entretanto, a perda de contato com o símbolo, vivenciada pela humanidade sobretudo nos três últimos séculos, o homem-mulher, como um ser simbólico e necessitado de novamente ser capaz de símbolo (DD, n. 44), carece da formação simbólico-litúrgica que o inicie na simbologia.

O processo formativo, deste modo, visa o homem-mulher em sua inteireza e não pode deixar de cuidar deste aspecto simbólico, a fim de que reencontre em seu interior o anseio pela linguagem simbólica, que dá sentido e alegria à sua vida. A mistagogia da igreja-edifício tampouco pode ser apreendida pela assembleia sem que esta seja iniciada na simbologia tradicional cristã. O desafio é grande e a “primeira tarefa prática” (DD, n. 34) da formação litúrgica é, precisamente, pela transformação que ela é capaz de realizar no interior do homem-mulher, a de que aprendamos “novamente a nos colocar diante da relação religiosa como homens em sentido pleno” (DD, n. 34). A igreja-edifício tem função ímpar neste processo formativo, pois o espaço no qual o ser humano realiza suas diversas atividades é, muitas vezes, determinante em suas experiências. Deste modo, é preciso garantir que as intervenções sejam criteriosas, devidamente discutidas, aprovadas e planejadas, a partir da mistagogia do edifício eclesial. Este caminho contribui na qualidade da participação da pessoa enquanto membro da assembleia celebrante, a fim de que esta participação seja, sempre mais, participativa e gere frutos para o mundo.

A consciência da responsabilidade pastoral exigida pelas intervenções e consequentes resultados, em vista de que a igreja-edifício manifeste, de fato, a natureza da Igreja, cumprindo

ainda sua função formativa, reclama um programa de formação que alcance a todos, de diversas maneiras e em momentos variados. No que tange à vida eclesial, muitas oportunidades podem ser mais valorizadas. No que diz respeito à formação acadêmica, é fundamental a inclusão das matérias relacionadas à arquitetura sacra e, particularmente à linguagem simbólica e à mistagogia da igreja-edifício, no currículo dos cursos de Filosofia e Teologia. São ainda, muito pontuais, no Brasil, mas não se pode deixar de notar, as poucas experiências que contemplam esses conteúdos na formação geral da Igreja e que, assim, atendem àquele pedido que há sessenta anos o CV II fazia à Igreja em todo o mundo, em vista de uma formação que possibilite o crescimento humano em sua integridade.

ABREVIATURAS E SIGLAS

CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CV II	Concílio Vaticano II
DD	<i>Desiderio Desideravi</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>
RDI	Ritual de Dedicção da Igreja e do Altar
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos

REFERÊNCIAS

BALTHASAR Hans Urs von. *Liturgia cosmica. L'immagine dell'universo in Massimo il Confessore*. Roma: A.V.E., 1976, p. 345-346.

BENTO XVI, Papa. *Patriarca Germano de Constantinopla*. Audiência Geral, 29 abr. 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090429.html. Acesso em: 15 out. 2022.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.

BOYER, Louis. *Architetuttura e Liturgia*. Paris: Les Éditions du CERF, 1967 e 1991; Comunità di Bose: Edizioni Qiqajon, 1994.

CHAMPEAUX, Gérard; STERCKX, Sébastien. *I simboli dell medioevo*. 5.ed. Milano: Jaca Book, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium*. Constituição dogmática sobre a Igreja. 19.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium: constituição sobre a Sagrada Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2002.

CNBB, Documento 43. *Animação da Vida Litúrgica no Brasil*. Elementos de Pastoral Litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1989.

CNBB, Documento 107. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos-missionários*. 2.ed. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CNBB, Estudo 106. *Orientações para Projeto e Construção de Igrejas e disposição do Espaço Celebrativo*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

CNBB, Estudo 113. *Orientações para adequação litúrgica, restauração e conservação das igrejas*. Brasília: Edições CNBB, 2021.

GATTI, Vincenzo. *Liturgia e Arte: Il Luoghi della Celebrazione*. Bologna: EDB, 2001.

HANI, Jean. *O Simbolismo do Templo Cristão*. Lisboa: Edições 70, 1971. Coleção Esfinge.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013 (Documentos do Magistério).

FRANCISCO, Papa. *Desiderio Desideravi*. Carta Apostólica sobre a Formação Litúrgica do Povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2022.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos participantes na plenária da Congregação para a Educação Católica (dos Institutos de Estudos)*. Roma, Sala Clementina, em 20 fev. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papafrancesco_20200220_congregaz-educaz-cattolica.html. Acesso em: 10- out. 2021.

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo. Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2014.

LIMA, Marco Antônio Moraes. *Igreja, Ícone da Trindade. Espaço Litúrgico, 'Imago Ecclesiae'*. Orientador: Francisco Taborda, 2012, 267 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2012.

MORAES, Francisco Figueiredo de. *O espaço de culto à imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

MUZJ, Maria Giovanna. *Edificio Ecclesiale e Mistagogia* (pro manuscripto). Roma: Pontificio Istituto Orientale (PIO), 1999a.

MUZJ, Maria Giovanna. *"Il mio cuore e la mia carne esultano nel Dio Vivente". Riscoprire la Teologia Simbolica*. Roma: Pontificio Istituto Orientale (PIO), 2019b.

MUZJ, Maria Giovanna. *Lo spazio vissuto. Il fondamento corporeo del simbolismo spaziale. Lo spazio è una dimensione interiore dell'essere umano*. Roma: Pontificio Istituto Oriental (PIO), 2019c.

RITUAL DA DEDICAÇÃO DE IGREJA E DE ALTAR. São Paulo: Paulus, 2000.

TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor*. Ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia. Cap. São Paulo: Loyola, 2009. (Theologica).

TRECANNI, Enciclopedia on line. *Ciborio*. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/ciborio/>. Acesso em: 22 set. 2022

VALENZIANO, Crispino. *Architetti di Chiese*. Bologna: EDB, 2005.